



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 15 | Nº. 28 | Jan./Jun. de 2023

Eduarda Jack da Rosa

Universidade Estadual do Centro-Oeste / UNICENTRO

duda.jack25@gmail.com

Solange Aparecida de Oliveira Collares

Universidade Estadual do Centro-Oeste / UNICENTRO

scollares@unicentro.br

Rodrigo dos Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso / UNEMAT

s.rodrigo@unemat.br

QUESTÕES INDÍGENAS: Músicas, brincadeiras cantadas e literatura dos Kaingang

RESUMO

A presente pesquisa objetiva a análise de material relacionado à música, brincadeiras cantadas, literatura infantil da cultura indígena Kaingang. A metodologia constitui-se de uma problematização, pautando-se nos estudos culturais. Como resultado nota-se a importância da música para a construção de vínculos afetivos, além de trocas de conhecimento, comunicação e aprendizagem.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Fontes; História Indígena; Kaingang.

INDIGENOUS QUESTIONS: Song, toy and literatura of kaingang

ABSTRACT

The present research aims to catalog and analyze material related to music, games, literature that can be applied in the context of the Kaingang indigenous culture. The methodology consists of document analysis, based on cultural studies. As a result, the importance of music is noted for the construction of affective bonds, exchanges of knowledge, communication and learning.

Keywords: Cultural Studies; Sources; Indigenous History; Kaingang.

Introdução

A pesquisa, oriundo de um trabalho de conclusão de curso (TCC), apresenta a música e a brincadeira cantada, bem como a produção literária, que são legitimadas dentro do contexto cultural indígena Kaingang, como uma prática cultural. As crianças indígenas constroem sentidos expressando-se sonoramente, em práticas singulares, que refletem e transformam as suas culturas. O interesse pela música, surge, tendo em vista que elas utilizam-se desse recurso para brincar e expressar seus sentimentos, inclusive a partir de brincadeiras e jogos.

Os indígenas possuem variados jogos e brincadeiras oriundos de suas práticas culturais, entre eles: peteca, cabo de guerra, arco e flecha, gavião e passarinho, corrida do saci, tobdaé, sol e lua, entre outros. Alguns são bastante conhecidos por várias etnias, já outros, são curiosos e originais de cada povo. Existem brincadeiras que só as crianças desenvolvem; outras, em que os adultos praticam junto com elas. No entanto, antes do jogo começar, é preciso construir o brinquedo. Nesse caso, é necessário ir até à mata, achar o material e aprender a fazê-lo; só então, depois, pode começar a brincadeira. Mas isso não é um problema, pois a sua construção também faz parte da prática, da brincadeira, para a maioria desses grupos culturais.

O ponto de partida que instigou a pesquisa foi aprofundar o estudo com a temática indígena, desencadeado a partir de uma entrevista realizada em 2019, durante uma aula, com um grupo Kaingang, da aldeia localizada em Rio das Cobras, município de Nova Laranjeiras-PR. Nesse encontro, pudemos conhecer, mesmo que momentaneamente, um pouco da cultura indígena, e também algumas cantigas populares da sua aldeia.

Com o propósito de conhecer mais do universo infantil das crianças indígenas Kaingang, surgiu a definição do problema a ser pesquisado: Como a música e a brincadeira influenciam no contexto cultural indígena? Diante disso, o objetivo geral desta pesquisa é identificar como a música e a brincadeira influenciam no contexto cultural indígena, realizando uma breve catalogação de algumas brincadeiras e sua análise. A partir disso, também se comenta sobre a literatura indígena Kaingang. Para atingir tais objetivos, opta-se por uma metodologia de pesquisa qualitativa, por meio de coletas de dados e análise documental (artigos e

livros, interpretação de fatos e fenômenos) que também estão disponíveis dentro das aldeias indígenas.

A análise documental se constitui uma técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE, 2007, p.30). Além do que, utilizam-se os pressupostos dos Estudos Culturais a partir de Certeau (1998;2012). O autor aponta que a cultura deve ser pensada na pluralidade e singularidade de cada grupo, por isso escolhe-se os denominados Kaingang, pensando sua especificidade e não uma homogeneidade. Além do que, a cultura é materializada em suas práticas, que denominamos de culturais.

Dessa forma, o presente texto foi organizado e estruturado em três seções, além da introdução e considerações finais. A primeira seção trata sobre os povos Kaingang, realizando uma reconstrução histórica de sua formação e alguns elementos constituintes. A segunda aborda a música, brincadeira cantada e literatura na infância indígena Kaingang.

Os povos Kaingang

Os Kaingang são povos pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, constituindo-se, na atualidade, um dos maiores grupos do ponto de vista populacional no Sul do Brasil, ocupando territórios localizados no oeste paulista, centro-norte e oeste paranaense, oeste catarinense e centro-norte do Rio Grande do Sul (BONFIM, 2016). Sendo assim, busca-se compreender como esse grupo vivencia, relaciona-se culturalmente e desenvolve suas práticas cotidianas. Pretende-se, sobretudo, mostrar que o povo tem sido sujeito de sua história, estando à frente em diversas lutas relacionadas à educação.

A população indígena do Paraná é composta 70% pelos povos Kaingang e 30% pelos povos Guarani. Há registros familiares de descendentes de povo Xetá e alguns do povo Xokleng, os quais estão distribuídos em 23 aldeias indígenas. Atualmente, no território paranaense, como observamos, há quatro etnias indígenas, que vivem em terras demarcadas pelo governo federal e amparadas por assistência à educação na perspectiva bilíngue e de saúde (BONFIM, 2016).

As Cartas Régias, assinadas por Dom João VI nos anos posteriores à chegada da Família Real, que determinam a colonização dos Campos de

Guarapuava relatam uma declaração de guerra contra os indígenas, entre eles o povo Kaingang. Foi naquela época que eles passaram a ser reconhecido como uma nação, embora sob condição de aniquilamento. Resumidamente, o contexto da época era: “ou aceitam nossas normas e o nosso modo de vida ou então serão escravizados ou aniquilados” (MOTA, 1999, p. 102-103).

Os povos de língua Jê representavam cerca de 40% do total, isso em meados de 1812, na região de Guarapuava.

Pode-se dizer que, a partir da segunda metade do século XIX, com o interesse crescente da sociedade luso-brasileira sobre as terras ocupadas pela população Kaingang, a conquista destas terras realizou-se à custa da violência generalizada contra todos os grupos que se opuseram a ela, violência essa frequentemente praticada por grupos indígenas já submetidos e aliados ao “branco”, armados e subvencionados pelos governos provinciais. Nessa triste história destacaram-se os nomes de alguns caciques Kaingang que serviam aos interesses luso-brasileiros como os de Condá, Viry, Doble, Portela, Prudente e Fongue (VEIGA, 1994, p.34 *apud* TOMAZI, 1997, p. 153).

Com esses elementos que muitas universidades, inclusive do Paraná, como a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), passaram a amparar os estudos da língua Kaingang a partir dos anos de 1980, por meio de um trabalho pioneiro, defendido nos Estados Unidos por Braggio, o qual tratava sobre o processo de alfabetização das crianças Kaingang na região de Guarapuava (BONFIM, 2016)¹.

A relação dos povos Kaingang com a igreja católica, desde os seus primeiros contatos, foi marcada pela visão catequética, liderado pelo capelão Francisco das Chagas Lima, sendo estabelecido ao Capuchinho italiano Frei Mansueto Barcatta de Val Floriana a responsabilidade de conduzir os primeiros trabalhos sobre a língua dos povos Kaingang.

O ritual do “Kiki” começou devido à lenda de que aconteceu uma guerra entre os povos indígenas e não indígenas, porém dois indígenas acabaram se perdendo na mata, Kamé e Kairu que, cansados, resolveram descansar. No momento de descanso, ouviram que um deles iria morrer, aparecendo a “Mig Fer”, uma espécie de cobra de asas, que devorou Kairu. Nesse contexto, seu amigo Kamé prometeu vingança (BONFIM, 2016).

¹ A Universidade Estadual do Centro-Oeste em conjunto com outras instituições além de desenvolver estudos está contribuindo com o curso de Pedagogia Para os Povos Indígenas ofertado na Terra Indígena Rio das Cobras em Nova Laranjeiras-PR (TOLEDO; SANTOS; COLLARES, 2021).

Nesse intento, Kamé preparou um cesto para carregar os restos mortais do amigo, construindo, também, com folhas de palmeiras, uma casa em cujo teto, havia uma fresta, na qual, segundo a lenda, Mig Fer reapareceu, desta vez ferida por flechas e veio a morrer. Kamé enterrou seu amigo e fez uma fogueira, convidando todos os que estavam presentes na aldeia, em memória de Kairu. Assim, surgiu a festa do Kiki (BONFIM, 2016).

Na preparação das festas, é primordial que os Kaingang pintem seus corpos para o ritual. A aldeia se divide em duas metades, e cada parte é marcada, uma com risquinhos, representando Kamé e a outra metade com bolinhas representando Kairu. A pintura do grupo de Kamé é feita com lasca de pinheiro queimadas umedecidas, já a do grupo de Kairu é feita com madeira sete sangrias que, após secarem as bolinhas, a coloração difere o grupo, sendo: Kairu, na cor vermelha, e Kamé, na cor preta (BONFIM, 2016).

Essa festa inicia no começo do inverno, pois é nessa época que há maior abundância de alimentos. Vale ressaltar que, para a realização desse ritual, é preciso um número de rezadores, porém os indígenas mais jovens não demonstram interesses em aprender essas rezas, o que possibilita a extinção da prática cultural.

Em relação ao casamento, os povos Kaingang costumam realizá-los por meio de acordos entre as famílias, na intenção de formar alianças entre os grupos, seja da mesma aldeia ou bacia. Essa forma de casamento resulta na sociedade Kaingang e, conseqüentemente, num entrelaçamento de parentesco e político, por meio das regras e costumes das famílias envolvidas (BONFIM, 2016).

A promulgação da Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), assegurou aos povos indígenas o direito a uma educação escolar diferenciada, com processos próprios de aprendizagem e utilização de suas línguas maternas. Dessa forma, as escolas desses grupos culturais deveriam transformar-se num espaço de preservação de suas organizações sociais, costumes, línguas e crenças (BONFIM, 2016).

Conforme Faustino (2012), além dos jogos, das brincadeiras e dos afazeres diários, a criança indígena é instada a ouvir atentamente as histórias contadas pelos mais velhos, pensar sobre elas, perguntar, pois ter vontade de aprender é essencial na nas culturas tanto Kaingang como Guarani e Xetá.

É nesse sentido, devido à importância dessa configuração para as culturas indígenas que o professor indígena Teodoro Tupã relata para Faustino (2012) que

as histórias são contadas aos poucos, para estimularem a curiosidade e o interesse infantil. As crianças precisam perguntar para saber mais; precisam ficar junto aos adultos, participar das 'rodas' de conversa, ouvindo em silêncio.

Na acepção dos formuladores da Teoria Histórico-Cultural, de Vygotsky (1998, 2001, 2009) e Leontiev (1978), cujos estudos se iniciaram na sociedade socialista soviética, nos anos de 1920, afirmam que as práticas culturais são fatores determinantes nos processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil. Com base inicialmente no materialismo histórico-dialético, esses teóricos desenvolveram pesquisas, pontuando que a educação se dá nas diferentes interações com o meio e com o outro. Ao nascer, a criança, independente de ser indígena ou não, se insere no ambiente organizado culturalmente e, em um longo processo, apropria-se dos conhecimentos necessários à medida que participa das atividades desenvolvidas pelo grupo social a que pertence.

Cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes. Ela apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social, desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que cristalizaram, encarnaram nesse mundo (LEONTIEV, 1978, p. 265).

A concepção de escola, para o grupo indígena Kaingang é diferente da desenvolvida pelo não indígena. Os Kaingang esperam dela respeito ao seu grupo cultural e auxílio para compreenderem a sociedade, visando fortalecer cada vez mais seus aspectos culturais. Cada palavra Kaingang está repleta de significados que, muitas vezes, não são compreendidos senão por aqueles que vivem nessa cultura. Por isso, a importância do professor bilíngue e do ensino e revitalização da língua materna para a Terra Indígena.

Cabe ressaltar que as comunidades indígenas têm, em geral, uma tradição oral e uma memória coletiva que dispensou por muito tempo a cultura escrita. Portanto, tratando-se de educação indígena, a escola é apenas um complemento dessa ação educativa; logo, não é a central nem a principal. É através de seu cotidiano, na convivência com os mais velhos e com os adultos, que a criança aprende por meio da tradição oral, interage e constrói significados do seu mundo cultural. Da mesma forma, há um cuidar coletivo, ou seja, todos cuidam e são responsáveis por todos.

A educação centrada em uma instituição chamada escola é um apoio fundamental para a garantia e manutenção dessa cultura, mas, deve acontecer conforme a legislação, que garante uma educação, que respeite o jeito de ser Kaingang e que seja preferencialmente trabalhada por pessoas da própria comunidade.

Em relação ao brincar, diversos estudos mostram que, apesar do processo de aldeamento, a influência da mídia e de um hibridismo cultural (BURKE, 2003) já se fazem sentir, no contexto indígena/Kaingang, onde o mundo infantil ainda é permeado por uma tentativa dos adultos em manter em evidência sua cultura. Mas, mesmo assim, para essa cultura, o brincar, além do prazer, das emoções, da sensibilidade e da diversão, ainda tem influenciado o aprendizado de regras sociais, exercendo importante função na socialização dos membros mais novos da aldeia. Muitas brincadeiras tradicionais continuam sendo transmitidas pelas gerações mais velhas, embora as crianças as vivenciem de forma menos intensa e frequente.

Música, brincadeira cantada e literatura na infância indígena Kaingang

As brincadeiras cantadas e as músicas são uma prática coletiva dentro do contexto cultural do povo Kaingang. As crianças indígenas desse povo expressam-se sonoramente, refletindo e transformando a sua cultura. Percebe-se um interesse musical dessas crianças, pois as utilizam para expressar seus sentimentos, da mesma forma que o fazem com os jogos e brincadeiras.

A música para o povo indígena, principalmente Kaingang, possui grande relevância, pois está interligada com os ritos e, conseqüentemente, com sua cultura, fazendo parte dos rituais de socialização: cura, contato com ancestrais, nas festividades, entre outras. É por meio da música que é possível perceber que eles estão em guerra, festas ou rituais, pois cada momento possui uma linguagem diferenciada. Os instrumentos musicais mais usados são percussão e sopro, mas vale ressaltar que cada grupo cultural possui seus utensílios. O corpo é também utilizado como um instrumento musical, a exemplo das batidas dos pés e palmas, as quais direcionam a melodia e acompanham a música e a dança (SANTOS, 2013).

Nesse sentido, que a música sempre constituiu a identidade cultural, como um fator de identificação (HALL, 2006) dos povos no mundo afora; assim, não foi

diferente com os povos Kaingang, sendo que estes possuem instrumentos de diversos tamanhos e formas, capazes de resultar em sons distintos.

Para criar as suas melodias e ritmos, os povos antigos se inspiravam no que ouviam, como os sons da natureza produzidos pelos animais ou pela água e a batida dos instrumentos de pedra. A música se tornou uma forma de se comunicar, se divertir, celebrar e até trabalhar de maneira eficiente. A música tribal não era escrita, mas transmitida oralmente a cada geração. O batimento, além do canto, os gestos, as palmas e a dança eram muito importantes na música tribal (KINDERSLEYL, 2011, p. 12).

Esses sons sempre acompanharam as melodias, sejam nos rituais, guerras, brincadeiras, canções de ninar, entre outras situações.

Simon Thorne, compositor galês (País de Gales, 2009), se uniu a um grupo de cientistas e antropólogos para reconstituir os possíveis sons musicais que os Neandertalenses (ancestrais do homem atual) produziam com a voz e os instrumentos de pedra, como o apito de osso do pé (40000 a.c., França), apitos feitos de osso de pé de animais como a rena foram descobertos nas escavações de vários sítios arqueológicos (KINDERSLEYL, 2011, p.12).

Um exemplo de um instrumento utilizado pelos indígenas é a Flauta de Divje, confeccionada com osso de animal. Ele se constitui um dos instrumentos mais antigos do mundo. Nos rituais Xamã, utilizam o canto de garganta para se comunicar com os espíritos (KINDERSLEYL, 2011).

Apesar de terem sido encontrados bem poucos registros de músicas na antiguidade quando se discute a questão indígena, os historiadores consideram como fontes as pinturas realizadas nos túmulos, desenhos e os próprios instrumentos musicais para a constituição de jogos e brincadeiras (KINDERSLEYL, 2011).

Outros aspectos a serem registrados neste trabalho são a relação entre o espaço físico com a música e o som, pois os indígenas nomeavam os lugares, constituindo uma espécie de cartografia da floresta, e o movimento dos animais que serviam como inspiração a esses indígenas (SANTOS, 2013). De acordo com Beineke (2001, p. 21), a música “contribui para a demarcação dos territórios culturais, pois ela identifica os grupos e suas formas de vida”. Pode-se afirmar que a música é de extrema importância para os povos indígenas, por ser um elemento originado da natureza.

Em relação à infância indígena, há alguns estudos sobre esse contexto cultural, a citar: Cohn (2000) que enfatizou sua pesquisa sobre a concepção de

Xikrim e aprendizado, e Alvarez (2004) que buscou pesquisar sobre o processo de escolarização das crianças indígenas.

Segundo Cohn (2000), as crianças indígenas brincam, cantam, dançam e são criadas por seus familiares com total liberdade, dificilmente recebendo alguma repressão, crescem com autonomia, fazem o que bem querem, porém sob os cuidados dos adultos. No entanto, as suas brincadeiras, devido ao hibridismo, que é um processo violento (BURKE, 2003), aniquilam-se.

Há, também, as brincadeiras praticadas pelas crianças Kaingang registradas na Terra Indígena Faxinal, município de Cândido de Abreu-PR, relatadas pelos professores indígenas:

Existe uma brincadeira que as crianças faziam e ainda fazem. Primeiro as crianças apostam uma corrida. Quem chegar primeiro no pé de árvore é macaco. Quem chegar por último é onça. A onça tem que pegar os macacos correndo atrás, subindo nas árvores. A criança que é pega desce da árvore e fica olhando a brincadeira. A brincadeira só acaba quando a onça pegar o último macaco. Na próxima brincadeira o primeiro macaco vira onça e começa tudo de novo (FARIA, 2001, p. 1).

Os indígenas possuem muitos jogos e brincadeiras. Alguns são bastante conhecidos por vários povos indígenas, já outros são curiosos e originais.

O museu indígena também pode ser um espaço de acesso público, além de salvaguarda de jogos e brincadeiras. Ele não necessariamente precisa ser físico, mas virtual, ou ainda, imaginário, como foi demonstrado por Pesavento (2008, p. 15) “[...] é preciso considerar que todos nós temos ‘um museu imaginário’ de imagens, transmissoras de uma herança do passado e vinculadas pela memória individual, que é forjada de acordo com a memória social”, cuja importância vem sendo cada vez mais compreendida pela sociedade, inclusive indígena. Isso demonstra a representatividade de determinado povo, seu aspecto cultural e costumes (GAZONI, 2014). No entanto, ainda é relevante frisar que a sociedade próxima ao museu atende a interesse de um grupo hegemônico, buscando ser preciso reajustar esta relação sociedade/museu, contribuindo para uma maior representatividade dos acervos, bem como sua democratização.

Atualmente, os modos de pensar indígena, estão baseados na contemplação dos aspectos visuais da sua cultura, assim como nas manifestações da organização do espaço expositivo, conceituando a expografia compartilhada. (GAZONI, 2014). Para Gazoni (2014) nas culturas dos povos Kaingang, a visualidade está interligada

com o meio ambiente natural, transmitindo um estado de espírito, cujo meio natural é menos sujeito ao movimento e aberto às transformações. Observa-se a presença da natureza como um elemento integrador na maioria das obras indígenas, o que representa a dominância do meio natural nas configurações expositivas indígenas.

Nesse sentido, que se citam algumas obras infantis publicadas na Editora Maracá que descrevem as práticas culturais das aldeias indígenas, entre elas: “Karu Taru, o pequeno pajé”, “A chave do meu sonho”, “Contos Indígenas Brasileiros”, “Coisas de Índio”, “Um dia na Aldeia”, todas essas obras foram escritas por Daniel Munduruku. No vídeo “Vozes Ancestrais” ele comenta um pouco sobre elas e conta sobre a história dos povos Kaingang. Ele relata, narrando os conflitos, que há muito tempo um grande espírito visitou um povo chamado Kaingang, que morava na beira de um rio. Além disso, descreve as características de um grupo cultural muito bonito, inteligente, robusto, de olhos escuros, que mais pareciam jabuticabas. No vídeo, o autor narra a lenda da vida e crescimento de dois irmãos gêmeos *Kanhru* e *Kamê* (PAULI, 2019).

Na Editora Maracá, encontra-se igualmente as obras da Indígena Kaingang Luciana Vângri² que escreve “Jóty, o tamanduá” e “Estrela Kainkang: a lenda do primeiro pajé”. O livro “Jóty, o tamanduá” reconta uma narrativa de um velho sábio tamanduá, que ensina aos irmãos Kame e Kanhru os encantos e segredos da música. Segundo a lenda, foram os irmãos que criaram tudo que existe, desde as plantas, os animais e o próprio povo Kaingang. Já a obra, “Estrela Kainkang: a lenda do primeiro pajé” narra a história do primeiro pajé do povo Kaingang que, com a ajuda de sua mãe, teve de enfrentar todas as ameaças para proteger seu povo e os guiar para uma vida de paz, sabedoria e harmonia com a natureza.

Há também uma produção fílmica que ajuda a compreender as práticas de jogos e brincadeiras. O vídeo “*ĕg Rá - As marcas Kaingang*” trata-se de um curta-metragem Kaingang cedido para exibição online no Especial TRANSMÍDIA - TERRAE BRASILIS: Os primeiros da terra. Este vídeo relata algumas tradições e costume do povo Kaingang, como exemplo as tradições de se pintar durante o funeral de algum familiar, bem como suas significações (360 VR FOLHA DE LONDRINA, 2019).

2 Luciana Vângri – Indígena, educadora, ativista e líder do povo indígena Kaingang. Escreveu diversos livros sobre a cultura indígena e atualmente trabalha no Instituto Kaingang, localizado no Rio de Janeiro.

Outro vídeo importante de se referir sobre a cultura indígena, jogos e brincadeiras, é o “KAINGANG: povo da floresta”, que relata as práticas culturais pertencentes aos povos Kaingang, bem como a sua transposição de exercer e representar essa cultura, por meio da sua própria subjetividade e representatividade. O vídeo traz imagens de produtos artesanais feitos por estes povos, danças, músicas e entre outras tradições (MUSEU INDIA VANUIRE, 2014).

E por fim, o vídeo “*Gir Ag Ka Nhinhir: crianças brincando*” - filme kaingang”, trata-se de um documentário que nos mostra as brincadeiras, cantorias e danças das crianças Kaingang, bem como a tradição da pesca e preservação dos modos culturais de seu povo (CMCK CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA KAINGANG, 2017).

Considerações finais

No decorrer da pesquisa pode-se conhecer e estudar os povos indígenas Kaingang, bem como cumprir os objetivos propostos para este estudo que eram de identificar a música e a brincadeira que influenciam no contexto cultural indígena, bem como comentar sobre parte da literatura indígena. Diante disto, é fundamental reconhecer a relevância da música para a construção de vínculos afetivos, trocas de conhecimento, comunicação e aprendizagem. Junto com a dança, a música favorece as relações sociais, respeitando as diversidades e desenvolvimento cultural.

Nesse sentido, o brincar para as crianças indígenas servem para expressar seus sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades; embora as crianças Kaingang tenham sofrido muitas influências no processo que aqui denominamos de hibridismo (BURKE, 2003), estas ainda tendem a preservar algumas brincadeiras tradicionais de seus grupos culturais.

Tanto a dança e a música, quanto às brincadeiras, e a literatura infantil se fazem presentes na infância indígena, pois são formas de expressões, práticas culturais, que resultam no desenvolvimento das crianças indígenas e dos seus, não só salvaguardando a sua cultura, apesar de também considerar o dinamismo, pluralidade e circularidade, mas também as colocando em evidência e auxiliando no aprendizado.

Referências

- BEINEKE, V. Funções e Significados das Práticas Musicais na Escola. **Presença Pedagógica**, volume 7, n. 40. Belo Horizonte, 2001.
- BONFIM, O. M. de.; MIODUTZKI, E.; ROQUE B. S. Povos indígenas do Paraná. **Anais do 14º Encontro Científico Cultural Interinstitucional**. FAG, 2016.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal 1988.
- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 2012.
- COHN, C. **A criança indígena: a concepção Xikrin de infância e aprendizado**. Dissertação de Mestrado. USP, 2000.
- CMCK CENTRO DE MEMÓRIA E CULTURA KAINGANG. "**GIR AG KA NHINHIR: CRIANÇAS BRINCANDO**" - **FILME KAINGANG**. Youtube. 11 de outubro de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/HAZi9hzs7S0>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.
- FARIA, M. N. **A Música: Fator Importante na Aprendizagem**. Monografia (Especialização em Psicopedagogia), Centro Técnico Educacional Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS, 2001.
- FAUSTINO, R. C. **Diversidade cultural e educação escolar indígena: contingências de uma política internacional**. In: CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosangela Célia (Org.). **Educação e diversidade cultural**. 2. ed. Maringá, PR: Eduem, 2012. p. 87-110.
- GAZONI, P. M. **O contemporâneo no museu: os Kaingan e o Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre de Tupã (SP)**. Universidade de São Paulo. 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JEANDOT, Nicole **Explorando o Universo da Música**. São Paulo, Scipione, 1990.
- KINDERSLEYL, D. **Música para Crianças**. São Paulo: Publifolhinha, 2011.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOTA, L. T.; NOELLI, F. S. **Exploração e guerra de conquista dos territórios indígenas nos vales dos rios Tibagi, Ivaí e Piquiri**. In: DIAS, R. B.; ROLLO GONÇALVES, J. H. (orgs). Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional. Maringá: EDUEM, 1999.

MUSEU INDIA VANUIRE. **KAINGANG**: povo da floresta. Youtube. 18 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/ihCNndL2XHU>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022..

PAULI. S. **Conto do Povo Kaingang - Vozes Ancestrais (Daniel Munduruku)**. Youtube. 27 de março de 2019. Disponível em: <https://youtu.be/rtO8o6bKPew>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

PESAVENTO, S. J. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, S. J; SANTOS, N. M. W; ROSSINI, M. S. **Narrativas, imagens e práticas sociais**: percursos em História Cultural. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RODRIGUES, L. B. S.; BELTRAME, L M. **A criança Kaingang e seus brincades**. UNOCHAPECÓ. 2013.

SANTOS, L. dos. **Ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**: dilemas e desafios da recepção à Lei 10.639/03. In: PEREIRA, Almicar Araújo & MONTEIRO, Ana Maria (orgs.). Ensino de história e culturas afro-brasileiras e indígenas. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

TOLEDO, V. D.; SANTOS, R. dos; COLLARES, S. A. O. Guarani, Kaingang e Xetá: o curso de pedagogia para os povos indígenas/bilíngue da Unicentro na terra indígena Rio das Cobras em tempos de pandemia. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p.58-76, set./dez. 2021.

TOMAZI, N. D. **“Norte do Paraná”: História e Fantasmagorias**. Tese (Doutorado em História). UFPR. Curitiba, 1997.

WILMAR DA ROCHA D' ANGELIS. **Portal Kaingang**. 2013. Busca manter, na web, um espaço de informação segura e atualizada a respeito do povo Kaingang. Disponível em: http://www.portalkaingang.org/index_dangelis.htm. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

360 VR FOLHA DE LONDRINA. **ÊG RÁ - AS MARCAS KAINGANG**. Youtube. 10 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e1LT-j39XJU>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2022.

Eduarda Jack da Rosa

Universidade Estadual do Centro-Oeste
(UNICENTRO). Graduada em Pedagogia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8156314752842561>

Solange Aparecida de Oliveira Collares

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutoranda em Desenvolvimento Comunitário (UNICENTRO),

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9637078058782125>

Rodrigo dos Santos

Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Doutor em História. Docente do Curso de História.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3733336905025872>

Artigo recebido em: 18 de junho de 2022.

Artigo aprovado em: 26 de abril de 2023.